

PALAVRAS DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES NA BATALHA NA EVOCAÇÃO DO CENTENÁRIO DA BATALHA DE LA LYS EM 14 DE ABRIL DE 2018

Exmo. Senhor Presidente da República, Comandante Supremo das Forças Armadas e Presidente de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes

Excelência

Acaba V Exa de nos ter concedido a subida honra de presidir às cerimónias com que em, França, evocámos o centenário da Batalha de La Lys e homenageamos os combatentes que caíram e que se bateram na Grande Guerra.

Do Arco do Triunfo a Richebourg, de La Couture a Arras e Lille, Portugal homenageou com a França os combatentes e civis mortos nesse conflito e recordou a Vitória. Nesse mesmo dia em Portugal todos os núcleos da Liga dos Combatentes efetuaram cerimónias locais com idêntico sentimento.

Hoje, em território Nacional, não quis Va Exa deixar de estar Presente, neste evento, que celebrando o Dia do Combatente, encerra as cerimónias evocativas do centenário da Batalha de La Lys e assinala a 82ª Romagem ao Túmulo do Soldado Desconhecido.

A presença de Va Exa e de Sua Exa o Primeiro-ministro em França, a que se juntaram o Sr. Ministro da Defesa Nacional, deputados à Assembleia da Republica, o Sr. Almirante CEMGFA, o SEDN, o Gen CEMFA, gen CEME, e Vice CEMA, deram à evocação do centenário da Grande Guerra, um carácter verdadeiramente Nacional.

Senhor Presidente da República

Excelência

Permita-me que nesta minha intervenção agradeça publicamente a Va Exa toda a atenção e empenho que tem manifestado pela causa dos combatentes e em particular em resolver situações com que a Liga dos Combatentes se tem confrontado. Não se fica Vá Exa pelas palavras. Tem passado das palavras aos atos. Aceite por isso o nosso profundo reconhecimento.

Exmo. Senhor Almirante CEMGFA, sendo a primeira vez que nas atuais funções, Vª Exa toma parte nestas cerimónias, permita-me igualmente que agradeça a sua presença de hoje e em França e todo o apoio das Forças Armadas à Liga dos Combatentes e a estas cerimónias em particular, emprestando-lhe a força, a dignidade e o brilho que as mesmas merecem.

Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional

Senhor Chefes de Estado Maior da Força Aérea, do Exército e da Armada é uma honra tê-los mais uma vez connosco.

Senhor Presidente da Câmara da Batalha

Senhores Deputados Membros da Comissão de Defesa Nacional

Senhores Generais, Almirantes e Diretores Gerais

Senhores Embaixadores da Alemanha, Roménia e de Timor e representantes dos senhores embaixadores da França, do Reino Unido, Angola e Moçambique

Membros do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes

Senhor General Presidente da Comissão Evocativa do Centenário da GG

Senhores Adidos de Defesa de Países Amigos
Presidentes de Associações de Combatentes Nacionais e Associações Estrangeiras
Presidentes dos Núcleos da Liga dos Combatentes
Exmos convidados
Combatentes e Exmas famílias
Membros da família Tribolet
Minhas Senhoras e meus senhores

O ano de 2018 encerra as cerimónias evocativas do centenário da Grande Guerra iniciadas em 2014 e em que a Liga dos Combatentes tem tomado parte ativa em todo território Nacional e no estrangeiro e onde os seus Núcleos marcaram presença ativa em centenas de eventos.

Hoje damos especial relevo ao centenário do acontecimento mais marcante da nossa participação na Grande Guerra: -a Batalha de La Lys.

Ao pronunciarmos a expressão La Lys, uma memória com cem anos, evidenciamos respeito e profunda homenagem ao sacrifício de um povo e dos seus soldados. A coragem e a determinação de uma juventude que, ao serviço das Forças Armadas portuguesas, se bateu em África e na Europa, num conflito que a História designaria por Grande Guerra. A Batalha de La Lys pode ser considerada como um ex-libris do combatente português do século XX.

O Dia 9 de Abril de 1918 originou a inspiração que conduziria à sua evocação como Dia do Combatente. Momentos singularmente dolorosos e heroicos da História Militar de Portugal. Dolorosos porque neles se misturaram a morte de uns e o sacrifício e abandono de outros. Heroicos porque o soldado português demonstrou ter ultrapassado as extraordinariamente difíceis condições de organização, clima, terreno, inimigo e de meios próprios, com que foi confrontado.

Consideramos um erro, em termos militares e históricos, analisar isoladamente o comportamento do CEP no campo de batalha. Para além de todos os condicionamentos e circunstâncias históricas conhecidas, o CEP foi colocado sob as ordens de um exército estrangeiro amigo que lhe atribuiu a missão e determinou onde, quando e como a deveria cumprir, condicionando a sua liberdade de ação.

Com a sua atuação, o CEP, participando numa derrota tática aliada, entre Bethune e Armantiers, a que se seguiu a detenção do opositor e uma vitória estratégica final, contribuiu, em termos nacionais, para a consolidação da República, a manutenção dos territórios coloniais e beneficiou das vantagens dos vitoriosos.

Em todos os momentos do conflito sobressaiu o Homem. O Homem soldado. O Homem sacrificado.

Não obstante na Grande Guerra terem surgido pela primeira vez novos equipamentos em Terra, no Ar e no Mar, como o carro de combate, a metralhadora, o avião e o submarino, armas sofisticadas do Séc. XX e XXI, o que marca de facto a Grande Guerra é o emprego de massas humanas organizadas militarmente para o combate e a forma como conscientemente se aceitou, de parte a parte, o sacrifício total de milhões de Homens.

Hoje, cem anos depois, a evolução do pensamento político-militar, quer pela incorporação das experiências da I e II Guerras Mundiais quer pelo evoluir da tecnologia, evidencia um grande

apreço pelos direitos humanos e procura, sempre que entende necessário o emprego da força, fazê-lo com a garantia do número mínimo de baixas humanas.

A Liga dos Combatentes nascida precisamente após o final da Grande Guerra com os objetivos de promoção dos Valores superiores do país e a prática da solidariedade para com os combatentes, famílias e órfãos da Grande Guerra continua hoje para além de lutar pelos mesmos patrióticos objetivos, relativamente aos combatentes da guerra do ultramar e das operações de paz e humanitárias, a promover a Paz e a segurança e a defesa dos direitos humanos de acordo com a carta das Nações Unidas e os acordos internacionais.

Valioso contributo para que a memória dos portugueses possa continuar a manter vivos os combatente de ontem e em Paz e segurança os combatentes de hoje. Bastante se tem escrito, investigado e produzido nestes últimos anos sobre a GG. Muitos portugueses que combateram na Grande Guerra deixaram escritas as suas histórias e vivências.

Manuseando diversos manuscritos de participantes na GG, deparei com algo que nos toca. Algo que na primeira pessoa nos sintetiza e nos revela simultaneamente o heroico, o trágico e o humano da guerra. Prefiro por isso dar-lhe voz na primeira pessoa. Este manuscrito, inédito, arrancado do pó do tempo, é a nossa homenagem a todos quantos lutaram, sofreram, adoeceram e caíram ou não em La Lys.

Este é mais um testemunho de um soldado português que, sendo médico na frente de batalha, recorda aqui toda a crueldade da guerra e a forma nobre como cumpriu a sua missão, não se livrando, ele próprio, de passar também pela doença e pelo sofrimento.

Ouçamos do tenente médico miliciano Manuel José Lourenço o que escreveu sobre o seu 9 de Abril de 1918, subordinado ao título "Rosas Vermelhas- 9 de Abril de 1918" :

Escreve ele em 27 de Setembro de 1918 na Base Hospitalar N° 2:

“O que se passou nesse fatídico dia 9 de Abril de 1918, foi catástrofe heroica, horrível, horripilante, uma monstruosidade de selvageria humana, sintetizada nesta guerra – monstro insaciável de vidas. O meu coração emociona-se de dor e veneração por esse punhado de Portugueses, valentes até no heroísmo, honrando em glória a nossa querida Pátria.

É preciso muita coragem para não temer o perigo; mas enquanto na ardência da batalha o combatente esbraseado embriaga-se com a luta – vida por vida – a coragem do médico tem de ser, pelo contrário, calma e fria, jogando a vida para socorrer e salvar outra vida. Heroísmo por heroísmo, o heroísmo do médico é muito mais obscuro; mas em compensação a nossa missão humanitária em campanha é muito mais nobre, porque só podemos morrer – salvando – sem o mesmo direito de defesa da luta que também pode matar.

Doente, gaseado, em perigo de vida e já quando mais não podia, lá me conduziram da frente para o hospital, onde cheguei ao entardecer do dia dez.

A visão de muito sangue e carne esfrangalhada e a música diabólica de tanta dor e sofrimento dos nossos feridos, ensanguentando nas suas lamentações os nomes dos entes queridos além

Portugal, são causas impressionantes, queimando mais o nosso espírito do que a própria febre escaldante.

Depois de alguns dias entre a vida e a morte, a energia moral e a resistência física conseguem, com surpresa de muitos, vencer a doença.

Numa ambição fanática de então mais do que nunca, continuar afeiçoando o meu delicioso sonho, idealizado nas aventuras, perigos e emoções dessa vida, tormento prazenteiro, até às vezes alegre, venturosa, em espinhos para a minha mentalidade de médico também ao alcance da metralha! A vontade mais uma vez venceu, porque passado um mês, julgando-me restabelecido e, afastando com prontidão o interesse manifestado por colegas amigos, do regresso à Pátria, eu fui pedindo por favor alta do hospital...

Esta outra vida aqui na Base, de refúgio, desagregação e amolecimento militar, em que desaparece o espírito combativo do soldado, que indiferente e ignorando das razões que o levaram à guerra, só pensa no regresso e só sabe que Portugal está longe e a família o chora com saudade.

Esta vida não me seduziu e tanto assim que tendo sido honrosamente colocado em Cherbourg na companhia de dois colegas condecorados com Cruz de Guerra – lugar privilegiado e ambição de tantos – eu fiz novamente o meu oferecimento para partir outra vez para a guerra travada muito mais além!

Momentos de desespero e fraqueza?! Eu sei cá – maldita ou bendita sorte, que neutralizaste as minhas ridentes e românticas aspirações, algemando-me logo nessa tarde à cama.

Vociferando acremente contra esta enfermidade, uma gripe talvez passageira, de que a minha resistência física e vontade inflexível mais uma vez e em breve deviam sair vencedoras. Lastimável e puro engano!

Gaseado, o caso era grave pela extensão e intensidade de uma congestão pulmonar e novamente em perigo de vida lá vou pela segunda vez a caminho do hospital.

Um quartito de barraca de campanha, de paredes qual caixa de papelão e um catre de convidar ao repouso. Abandonado, indiferente ao sofrimento, na paz de alma de quem cumpriu e já infortunado com a sorte, numa sonolenta prostração alarmante e num alheamento ao que me circunda, eu sinto, mas não quero ver a morte, que ronda bem perto.

Era já crepúsculo - uma voz de mulher portuguesa vibrando em melodia?! Eu reabro os olhos como ao despertar de um sonho e venturosa realidade – um rosto sorridente de uma das nossas enfermeiras, inteligente, ilustrada e de uma simplicidade tão encantadora e sentimental nas suas produções literárias, abeira-se do leito a incutir esperança e alento a quem desolado julgava.

Alma romântica e sonhadora de mulher portuguesa, reacendendo os aromas da sua sentimentalidade e amor, num espírito de sacrifício digno de muito reconhecimento, como és bela e encantadora!... Numa dedicada abnegação ela vela toda a noite, e que carinho em adivinhar os pensamentos deste seu doente resignado e em sonolenta quietude arrepiante.

O peito em roca, uma tossita breve e mais sangue!

Perturbada, e num aveludar de voz, em meiguice de uma suavidade musical: “não será nada, tudo vai passar, tranquilize-se, tenha esperança – Deus é bom e a vida é bela – olhe, não fale, durma, durma, far-lhe-á muito bem”.

Gosta de flores? – Oh! Sim, como eu as amo e adoro!...

Hei de trazer-lhe muitas e bem bonitas; mas por quem é, não desanime.

E eu em voz débil – mais sangue e como ele é vermelho! Desanimar?!

Ai não, eu sinto até prazer. São as pétalas das minhas rosas vermelhas, são as minhas medalhas – ramalhete de consolação e prémio de uma consciência tranquila no sacrifício da minha nobre e sacrossanta missão.”

A este testemunho extraordinário de prosa poética, imagem direita e verdadeira, espelho de dolorosas e corajosas realidades vividas, com que evocamos todos os que viveram e morreram em La Lys, juntamos um outro testemunho de reconhecimento da Bravura , do Valor , da Lealdade e do Mérito que muitos ali revelaram. Há cerca de cem anos que a família Tribolet guarda as altas condecorações conquistadas no campo de Batalha pelo seu familiar Major Filipe Tribolet, sócio N° 264 da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Muito recentemente seu Neto António Tribolet transmitiu- nos o interesse da Família em entregar à guarda da Liga dos Combatentes, as insígnias das condecorações com que seu avô foi agraciado, nomeadamente pela sua ação em La Lys. A Torre Espada Valor, Lealdade e Mérito, a Cruz de Guerra, a condecoração da promoção por distinção ao posto imediato, resultantes da sua ação em La Lys e o louvor que lhes deu origem. Considerámos que a entrega simbólica dessas insígnias nesta cerimónia que dentro de momentos ocorrerá e a sua colocação no Museu das Oferendas, junto de outros testemunhos idênticos, seria uma forma de homenagearmos, não só o próprio major Filipe Tribolet, e sua família, mas todos os que com ele se bateram há precisamente cem anos, na Flandres, na Batalha do Lys, reavivando a memória e a História e enriquecendo o heroico espólio do nosso Museu.

Temos connosco hoje, familiares do Major Filipe Tribolet a quem endereçamos os nossos sinceros agradecimentos pela presença de todos e este gesto para com a Liga dos Combatentes e para com os Combatentes por Portugal.

Também, no seguimento da nossa cerimónia, no Museu de Oferendas, será lançado hoje um selo evocativo do centenário da Batalha de Lá Lys. Agradeço ao CTT , na pessoa do seu Presidente, a materialização deste evento em que sua Exa o Senhor Presidente da República nos dará a honra de assinalar o lançamento oficial. Esta publicação ajudará a garantir através da filatelia a perenidade destas homenagens e a conservação destas memórias.

Exmo. Senhor Presidente da República
Excelência

Dentro de momentos na Sala do Capitulo iremos homenagear os caídos em acto evocativo do Centenário da Batalha de La Lys. Ato de homenagem irrepetível. Como irrepetíveis são estes gestos de Homenagem em momentos de evocação de um Centenário. Não obstante a sua singularidade, não nos impedirá de ano a ano aqui estarmos evocando o Dia do Combatente por Portugal e o dia 9 de Abril.

Se hoje evocamos aqui o horror da guerra dentro de sete meses poderemos e deveremos estar, então sim, a comemorar o Armistício de 1918 e a Vitória.

Termino com duas quadras do meu poema *Evocação*:

*“Centenário, memória do sofrimento
Holocausto de vidas derradeiras
Horror e dor ocupam o pensamento
Vivificam os heróis das trincheiras*

*Cem anos depois nós vos evocamos
Nós combatentes de outras guerras e frentes
Sobre vossos túmulos nos curvamos
Deixando cair uma lágrima quente...”*

Vivam os Soldados de Portugal de todos os tempos. Viva Portugal.

General Joaquim Chito Rodrigues